

Formação do regente coral infantojuvenil em cursos de Licenciatura em Música: o caminho da extensão

Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
ana.gaborim@ufms.br

Ana Lúcia Carneiro de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
aninhamusical1212@gmail.com

Comunicação

Resumo: este artigo apresenta uma discussão sobre o estudo de Regência Coral na formação do educador musical, enfocando a disciplina homônima ministrada em cursos de Licenciatura em Música de duas universidades brasileiras (UFMS e UFRN). Buscamos discorrer sobre a importância da Regência, bem como do Canto Coral, no desenvolvimento teórico-prático do músico e na construção pedagógica do licenciando, tratando de conhecimentos e habilidades fundamentais nesses processos. Complementando essa discussão, trazemos para este artigo as propostas de dois projetos de extensão universitária em canto coral infantil/infantojuvenil, apontando sua relação com o curso de Licenciatura, analisando seu desenvolvimento e apresentando alguns dos resultados trazidos por essas experiências. Como principais referenciais teóricos, temos os dois trabalhos de pós-graduação das autoras deste artigo, sendo um em nível de mestrado (OLIVEIRA, 2017) e outro, de doutorado (GABORIM-MOREIRA, 2015). Entendemos a extensão universitária - aliada ao ensino e à pesquisa de maneira indissociável - como um caminho que contribui positivamente para a formação do regente coral enquanto educador musical. Esperamos que este trabalho possa instigar reflexões mais aprofundadas no ensino superior de Música e fomentar o desenvolvimento de novas pesquisas nessa área.

Palavras chave: formação de professores, regência coral, coro infantil e infantojuvenil

Introdução

Ao ingressarem em um curso de Licenciatura em Música, os acadêmicos trazem consigo a experiência de alguns anos dedicados ao estudo de um instrumento ou ao canto, o que já aponta uma certa direção para sua futura atuação profissional na área de Música. Via de

regra, o curso de Licenciatura é aquele que prepara o professor de Música para atuação no contexto da educação básica - levando em conta essas habilidades já desenvolvidas pelo acadêmico - e traz em sua estrutura curricular uma grande quantidade de horas dedicadas às disciplinas do nicho pedagógico: didáticas, metodologias, práticas de ensino, psicologia e também o estágio. Contudo, é muito comum que os licenciandos se desencantem com o ensino básico de música ainda no decorrer da graduação. Mateiro discorre sobre a realidade desse contexto:

a falta de tradição da presença da música nos curriculares escolares somada a baixos salários, infra-estrutura e más condições de trabalho, entre outros fatores acabam por desencorajar os jovens a trabalhar nas escolas públicas. Há muitos anos que o ensino está desacreditado devido a inúmeros fatores sócio-econômico-culturais conhecidos por todos nós (MATEIRO, 2007, p. 191).

Desta forma, é comum que os licenciados em Música procurem outros campos de atuação que não o da escola básica após a conclusão de seu curso. Tendo em vista essa realidade, cada vez mais os cursos de Licenciatura procuram oferecer uma formação abrangente para a capacitação de um músico. Queiroz e Mousinho (2005, p.84) ressaltam que as Licenciaturas em Música têm “se preocupado em capacitar profissionais para a atuação na educação básica, habilitando-os também para ocupar lugares como escolas especializadas de ensino da música e outros contextos emergentes na sociedade”. Esses outros contextos a que os autores se referem incluem espaços como igrejas, empresas, associações, ONGs, projetos sociais e culturais. As modalidades de atuação também incluem atividades musicais diversas, como o ensino de instrumento ou canto, aulas de musicalização infantil, produção cultural/musical, *performance* musical - solista ou em grupo - e entre essas atividades, destacamos a Regência, em especial a Regência Coral Infantil e Infantojuvenil¹, que é o foco deste artigo.

¹ No âmbito deste artigo, não discutiremos sobre a diferenciação entre as distintas nomenclaturas de coros de crianças e adolescentes. Para os leitores interessados nessa discussão, recomendamos a leitura de um artigo recentemente publicado: COSTA, Patrícia. *Afinal, coro infanto-juvenil, coro juvenil ou coro jovem?* Rio de Janeiro: Observatório coral carioca, 2017. Disponível em: <https://observatoriocoral.art.br/sites/default/files/documentos/artigos/2017-03-afinal-coro-infanto-juvenil-coro-juvenil-ou-coro.pdf> (acesso em 10/06/2017).

1. O canto coral na formação do educador musical

Diversos autores certificam o rico potencial do canto coral enquanto prática pedagógica, em aspectos que transcendem o aprendizado estritamente musical. De maneira geral, podemos afirmar que a participação em um coro pode estimular e contribuir para o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial do indivíduo, independentemente de sua faixa etária, mas sobretudo na infância. Também é possível afirmar que o canto coral é uma prática musical mais acessível em termos de infraestrutura, pois cada participante já traz consigo seu próprio instrumento musical – a voz.

Pereira e Vasconcelos (2007, p.117) destacam a função socializadora da atividade coral, afirmando que o coro é “um agente propiciador da ampliação de relações sociais, desenvolvendo a relação do indivíduo corista consigo mesmo, com o outro e com a comunidade sócio-cultural na qual está inserido”. Segundo os autores, a prática musical vocal em grupo, “além de desenvolver a musicalidade, autocontrole, auto-estima e tantas outras potencialidades, é um propiciador de relações sociais harmonizadoras em vários níveis” (*id., ib.*).

Em uma perspectiva psicopedagógica, Dias (2011, p.107) enfatiza que a prática coral, fundamentada nas preocupações contemporâneas, procura valorizar “a expressão do aluno e da sua subjetividade, o incentivo à imaginação e à criatividade, à afetividade, à sociabilidade e à busca pela autonomia (...) para a construção de um todo musical, artístico, educacional, sociocultural e, sobretudo, humano”. Percebemos, então, que não é à toa que muitas escolas de educação básica – principalmente particulares - investem na manutenção de um coro como proposta de estímulo à aprendizagem em um sentido amplo, com resultados sensíveis tanto para aqueles que participam da atividade, quanto para o público que recebe o produto desse trabalho - ou seja, uma apresentação do coro.

Estes argumentos vêm evidenciar a importância do canto coral na formação do educador musical, tanto para sua capacitação enquanto músico, quanto para a sua atuação pedagógica. Entre os muitos benefícios trazidos por essa prática em um curso de Licenciatura,

destacamos: o aperfeiçoamento da leitura musical (solfejo); o desenvolvimento da percepção melódica e harmônica; a busca da expressão pela voz; o aprimoramento da interpretação musical, buscando o sentido do fraseado e da forma e o conhecimento de repertório musical de diversas épocas e estilos. Nesse sentido, Figueiredo (2005, p.365) afirma que “a importância da experiência coral na formação musical também é destacada por causa do exercício de fazer música em conjunto que ela propicia (...) que se reflete em prazer estético e crescimento pessoal para quem participa”.

No que diz respeito à atuação pedagógico-musical do licenciado, ressaltamos que o campo de trabalho do canto coral demanda um profissional com capacidade de liderança, que saiba estimular as habilidades artísticas de seus participantes, proporcionar-lhes um crescimento cultural, ampliar seu potencial vocal, oportunizar experiências saudáveis de convivência na construção de um trabalho coletivo com um objetivo comum: cantar. Entretanto, não se trata de um “cantar” qualquer, mas um cantar em que se busque sempre a excelência em termos musicais e vocais: afinação, precisão rítmica, boa articulação do texto, projeção vocal, sonoridade equilibrada, expressividade, entre outros elementos. Tratamos, então, da concepção do **regente**, sobre a qual discutiremos a seguir.

2.Regência Coral na Licenciatura em Música

A disciplina de Regência Coral em um curso de Licenciatura desenvolve uma forma de expressão e compreensão musical bastante peculiar, que muitas vezes constitui uma novidade diante do conhecimento adquirido em aulas teóricas, bem como nas aulas de instrumento ou canto. Grings (2011, p.70) enfatiza a importância da Regência como parte da formação do educador musical: “entendemos que esta disposição se deve ao fato de a regência possuir um caráter interdisciplinar no curso, englobando os diversos elementos estudados durante o curso e que são, de certa forma, pré-requisitos para o desempenho do regente”.

Tal como um professor, o regente se torna um modelo a ser seguido; ele precisa ser capaz de compreender as dificuldades de seus coralistas e construir alternativas para vencê-las; determinar objetivos para o grupo, a curto, médio e longo prazo; escolher e determinar

conteúdos a serem trabalhados (o que inclui repertório, técnicas de regência, exercícios de preparação vocal e dinâmicas de ensaio); manter seus coralistas motivados nos ensaios e estimulá-los a novos desafios; avaliar as condições de trabalho e criar estratégias para otimizar tempo e recursos. Nas palavras de Oliveira, em recente artigo que trata da preparação do regente,

liderar é estar à frente e ser seguido (...). Uma vez que o cantor percebe o quanto está recebendo e os benefícios do que está recebendo, irá naturalmente desejar seguir o seu regente. O melhor trabalho de liderança do regente coral irá ajudar seus cantores a se tornarem verdadeiros artistas pensantes e não meros artesãos repetidores (...). O resultado disso é uma liderança inspiradora, na qual é estabelecido um relacionamento de confiança mútua. Seus cantores irão te seguir porque você os inspira a um fazer musical de alto nível e demonstra sensibilidade pelas pessoas, sejam estas os cantores com os quais trabalha ou o público que assiste suas apresentações (OLIVEIRA, 2017, p. 7).

Percebemos então que a formação do regente engloba aspectos musicais e exclusivamente técnicos da regência, bem como aspectos psicopedagógicos que são inerentes a qualquer processo de ensino-aprendizagem e que geralmente fazem parte da estrutura dos cursos de Licenciatura. A disciplina de Regência nesses cursos, portanto, oferecem uma **iniciação** nessa área, aproximando os licenciandos de uma abordagem teórico-prática que é contemplada pelo Bacharelado com essa habilitação – e onde há o aprofundamento desses conhecimentos.

Não nos será possível – e nem é nosso intento - no âmbito deste artigo, analisar como a disciplina de Regência é oferecida e ministrada, considerando que existem cerca de 80 Licenciaturas em Música no país (conforme dados de 2010 expostos em SOARES et al, 2014, p. 134) e cada curso atende às características e demandas de cada região. Mas é fato que a carga horária destinada à Regência não é suficiente para preparar um profissional que atue nos mais diversos contextos e junto aos mais diversos tipos de grupos vocais. Outro fato que precisa ser considerado, é que o grupo que os acadêmicos têm à disposição para reger geralmente é formado pelos próprios colegas de turma – um coro que nem sempre está vocalmente equilibrado e geralmente se caracteriza como jovem ou adulto, com certa fluência de leitura

musical. Raramente há um coro infantil ou infantojuvenil – com todas as suas peculiaridades - que os licenciados possam reger em nível de experimentação. Ribeiro, ao pesquisar sobre a formação do regente de coros infantojuvenis, escreve que

a regência coral entra na licenciatura apenas como mais uma ferramenta para o professor, ainda que muitas vezes ela se constitua como uma das possibilidades de atuação para o egresso. A formação do regente não é, pois, uma finalidade do curso, que oferece apenas uma iniciação à regência coral, nem sempre focada ao contexto infanto-juvenil. Desta forma, o aprofundamento dos egressos interessados em atuar neste universo profissional dependerá de uma complementação de conhecimentos de maneira informal, no contato com a prática, ou buscando cursos de formação continuada ou pós-graduações (RIBEIRO, 2016, p.67).

Pensando sobre nosso próprio processo de formação em Regência, percebemos que, de fato, fomos estimuladas a buscar conhecimentos complementares em cursos de curta duração, como festivais, congressos, painéis, oficinas e a própria pós-graduação, conforme aponta Ribeiro. Porém, os cursos de curta duração não promovem um acompanhamento contínuo, que permitiriam ao estudante observar seu crescimento enquanto regente.

Por outro lado, pudemos comprovar que a experiência trazida pela **extensão universitária** constitui uma oportunidade ímpar de vivência coral e de aprendizado significativo e duradouro para os licenciandos. É sobre experiências dessa natureza que discorreremos a seguir.

3. O canto coral como projeto de extensão

A extensão universitária compreende a inter-relação entre ensino e pesquisa. Isso proporciona o intercâmbio contínuo entre a comunidade - que informa suas demandas e necessidades, impulsionando a realização de ações efetivas – e a Universidade – que fundamenta questões práticas sobre princípios consolidados e gera novas formas de conhecimento, que por sua vez, levam a resultados concretos e duradouros para a sociedade.

Podemos afirmar que algumas das dificuldades que os regentes corais costumam enfrentar ao ingressarem no campo de trabalho estão ligadas principalmente à insegurança (o

que é normal no início, devido à falta de experiência diante de um grupo), à falta de domínio e de conhecimento sobre saúde vocal e à falta de oportunidades para se reger um coro, na condição de aprendiz, em circunstâncias diversas. Além disso, raramente os licenciandos participaram de um coro na infância. Nesse sentido, a integração de um projeto coral de extensão a um curso de Licenciatura em Música é uma valiosa experiência para que os acadêmicos possam vivenciar o que é dirigir um coro - sendo orientados por um regente experiente e tendo contato com outro tipo de público (em especial, crianças e adolescentes) - e com isso, construir estudos fundamentados na prática, contribuindo para fomentar as pesquisas na área de Regência Coral. A seguir, passaremos a discorrer sobre dois estudos realizados com esses propósitos, sendo um em nível de mestrado e outro, de doutorado, desenvolvidos em duas universidades federais geograficamente distantes em nosso país.

3.1. Coro infantil da UFRN

Em Natal (RN), uma das autoras deste artigo desenvolveu sua pesquisa de mestrado procurando responder à seguinte pergunta: como é possível sistematizar conteúdos e práticas aplicáveis para a formação docente na área da regência coral infantil? Na elaboração da dissertação, a pesquisadora descreve como atuou na preparação de licenciandos do curso de Música da UFRN e também como regente do coro infantil, o que podemos caracterizar como pesquisa-ação.

O trabalho foi estruturado da seguinte maneira: os alunos matriculados na disciplina “Atividades Orientadas II (AOS II) - Metodologia do Canto Coral e Voz” foram convidados a participar da pesquisa, o que incluía a atuação junto ao Coral Infantil da Universidade (sendo que esse coro já existia há alguns anos). Sete alunos efetivamente se comprometeram a participar e acompanharam todo o processo de pesquisa. Junto a esse grupo, somaram-se uma aluna do curso de Bacharelado em Piano, outra, do curso técnico em Canto da Escola de Música da UFRN e ainda, uma professora substituta da Universidade - aluna da especialização em Educação Musical. Além da frequência à referida disciplina, a proposta da pesquisa era que os licenciandos participassem de duas ações: 1) reuniões semanais de planejamento, onde foram

realizados: leitura de textos, dinâmicas de grupo, análise de partituras, estudo coletivo e individual de Regência e, naturalmente, a elaboração do plano de ensaio a ser realizado pelo Coral Infantil; 2) ensaios com o Coral Infantil da UFRN: recepção das crianças, preparação vocal do coro, brincadeiras cantadas, conteúdos de musicalização, desenvolvimento de repertório (com a prática da regência), desaquecimento e despedida.

No decorrer das aulas de AOS II, procurou-se levantar as expectativas dos licenciandos em relação à regência de um coro infantil, que estavam ligadas a conhecimentos sobre os limites e capacidades da voz infantil (em diferentes faixas etárias), preparação corporal e vocal, início do trabalho em uma instituição, dinâmicas de ensaio e escolha de repertório. Isso direcionou a escolha de textos para estudos, gerando discussões muito profícuas.

Nas reuniões de planejamento para atuação no Coral Infantil foi estabelecida a delegação de tarefas, sempre buscando capacitar o licenciando para aquela atividade antes de colocá-la em prática. Foi apresentada a estrutura do ensaio, determinando as formas e momentos de atuação junto às crianças, estabelecendo também um revezamento de atividades. Os licenciandos foram incentivados a realizar suas intervenções no coro valorizando suas próprias habilidades, trazendo sua bagagem acadêmica e pessoal. Neste sentido, a delegação de tarefas na equipe do Coral Infantil da UFRN, a experimentação de atividades no planejamento – antes de aplicá-las no coro – e a discussão posterior sobre os resultados obtidos facilitou bastante o encaminhamento de cada ensaio e todos foram protagonistas das ações. Com isso, percebemos que se estabeleceu um ambiente de cooperação e de incentivo à autonomia.

Nos momentos de musicalização do coro, foi oportunizada aos acadêmicos a possibilidade de realizar junto às crianças atividades como brincadeiras cantadas, jogos teatrais e dinâmicas que desenvolvessem parâmetros sonoros, ritmo, som e silêncio, de acordo com as propostas desenvolvidas a cada semana. Assim, os licenciandos foram desafiados a recorrer aos conhecimentos obtidos durante a graduação, bem como a uma busca permanente por materiais que poderiam lhes dar subsídios para desenvolver suas práticas pedagógicas.

O momento de preparação corporal e vocal no coro incluiu a consciência do processo de respiração e sua importância para a produção da voz, bem como o estabelecimento de uma

postura adequada para o canto. Foram realizados vários exercícios lúdicos com esses propósitos, de forma gradativa, com o cuidado de verificar se as crianças podiam compreender o que estavam realizando e se cada exercício tinha significado para elas. Já os exercícios de articulação textual (dicção) e vocalizes foram planejados com variações: sobre graus diatônicos, escalas cromáticas ascendentes e descendentes; utilizando sílabas, palavras, *glissandos*, onomatopeias. Ainda nesse momento, foram trabalhados contos sonoros e movimentos associados de corpo e voz com deslocamento, buscando atingir os objetivos traçados para cada aula. Considerando o contexto do Coral Infantil da UFRN, os exercícios foram realizados observando o curto espaço de tempo de ensaio, a faixa etária atendida e o repertório escolhido.

Tendo definido o repertório do semestre, as músicas foram distribuídas para cada licenciando que se propôs a reger, a fim de que fossem se preparando com antecedência. No grupo, foram estudadas todas as partituras, analisando os pontos que poderiam se tornar complicados para a realização musical das crianças – tais como a execução das notas mais agudas e mais graves, momentos de respiração e articulação do texto. Buscamos caminhos para a resolução desses problemas que poderiam ser encontrados no processo de ensaios, escolhendo atividades lúdicas e dinâmicas que poderiam ser associadas à peça em estudo (como a percussão corporal, o uso de gestos e/ou movimentação) e assim, colaborando para uma aprendizagem mais significativa. Analisar a partitura tornou-se um ponto importante dentro do planejamento. Nesse procedimento, foi possível observar que alguns licenciandos conseguiram desenvolver o hábito de realizar a análise das partituras de forma sistemática, o que contribuiu para que estes pudessem chegar ao ensaio mais seguros e convictos de que poderiam solucionar os pontos mais difíceis das músicas. Corroborando com esse procedimento, Figueiredo (2006, p. 9) afirma que "quanto maior o conhecimento da partitura por parte do regente, mais efetiva será sua atuação, tanto na preparação da obra, nos ensaios, quanto no desenvolvimento de seus cantores".

A última ação realizada pelo coro dentro da investigação proposta pela pesquisa de mestrado foi o Recital, ou apresentação pública dos resultados obtidos. Alguns depoimentos dos licenciandos anotados após o Recital, na reunião de avaliação, registram que esses

resultados foram positivos, destacando o apoio dos pais, a seriedade e o compromisso das crianças diante da plateia e principalmente os elogios que receberam após a apresentação, a respeito do trabalho realizado como regentes. Sobre a experiência de reger diante da plateia, admitiram insegurança, nervosismo, falhas na regência, divergência entre o que estudaram antes e o que conseguiram realizar no dia da apresentação, mas também se sentiram estimulados com o reconhecimento e a gratidão do público que compreendeu os objetivos do projeto.

Ao analisar os relatos escritos dos licenciandos, no que se referia às suas expectativas de formação para a regência coral infantil, foi possível constatar que o projeto de extensão pôde contribuir de forma significativa para a capacitação profissional e individual de cada partícipe, estabelecendo uma preparação mais consolidada e segura. A experiência no projeto ampliou as possibilidades para atuação em diversos espaços educativos, com um conhecimento amplo sobre os mecanismos da voz infantil, desenvolvimento de atividades lúdicas no ensaio de um coro infantil, escolha de repertório, habilidades e competências do regente educador e organização de uma apresentação.

3.2. Coro infantojuvenil na UFMS

Em Campo Grande (MS), um grupo coral foi formado na UFMS para fins de pesquisa de doutorado da professora de Regência e Canto Coral do curso de Licenciatura em Música. Não existia coro de crianças ou adolescentes nessa universidade, portanto foi possível relatar cada procedimento realizado desde o início do projeto. Uma acadêmica do curso de Música foi contemplada com uma bolsa de extensão para atuar como monitora e os demais acadêmicos do curso foram incentivados a participar como voluntários. Nesse momento, cinco acadêmicos se envolveram com o projeto. Contudo, ao divulgarmos a proposta nas redes sociais, alguns egressos do curso de Música também se interessaram em participar como monitores, justamente porque não tiveram essa experiência prática durante o tempo em que estiveram na Universidade. Posteriormente, abriu-se a oportunidade de realização de estágio no projeto – o que foi muito atrativo para aqueles acadêmicos que, conforme citamos no início deste artigo,

não se encantaram pela atuação na escola básica.

A estrutura oferecida pela instituição e o fato de ter uma docente do curso de Música como regente parece ter gerado maior credibilidade ao projeto, por parte da comunidade. Contudo, é interessante ressaltar que sentimos quão difícil é o engajar das pessoas em um coro quando ainda não há resultados artísticos a serem demonstrados. A primeira ação realizada no projeto foi uma reunião de pais para explicar os objetivos da pesquisa, bem como o que havia sido planejado para o desenvolvimento dos ensaios. Desde então, estabelecemos o compromisso das famílias com o coro e cremos que este foi o primeiro e grande passo para que o grupo de crianças se firmasse. Muitas dessas crianças estão até hoje no projeto, que neste ano completou seu 4º aniversário.

Enfatizamos aqui a atuação dos licenciandos em cada momento do ensaio coral infantojuvenil, tal como ocorre até hoje. Iniciamos com atividades lúdicas, promovendo a socialização das crianças por meio de jogos rítmicos e movimento. Esse momento foi nomeado pelos coralistas de “hora das brincadeiras” e os licenciandos participam ativamente com as crianças, ajudando os coralistas que encontram alguma dificuldade, tocando algum instrumento, organizando materiais ou mesmo atuando como educadores, conduzindo uma nova brincadeira. Para tanto, os licenciandos usam sua criatividade e podem valer-se da experimentação, observando os resultados obtidos, bem como avaliando a aceitação dessa brincadeira pelas crianças.

Em um segundo momento, após um breve intervalo para lanche, as crianças têm lição de solfejo, que apresenta recursos visuais bastante atrativos para que se interessem pelo aprendizado da leitura musical, acompanhados pela manossolfa. Por ser um procedimento pouco adotado em coros infantojuvenis e por ser um material elaborado especialmente para este projeto, os licenciandos acompanham atentamente à condução da regente e a realização das crianças. Entretanto, estão sempre observando se há dispersão e interferem positivamente no sentido de atrair a atenção das crianças para a lição.

Na terceira parte do ensaio, é realizada a preparação vocal, com exercícios que trabalham primeiramente a concentração corporal, postura, respiração e vocalização inicial por meio de *glissandos* ou portamentos. Os licenciandos participam desse momento como modelos

a serem imitados pelas crianças, sendo que algumas vezes também auxiliam na distribuição de materiais (como fitas de papel crepom) para motivar a participação das mesmas ou propõem novos exercícios. Há a participação de um pianista acompanhando os *vocalizes* que se realizam na sequência, sendo que esse instrumentista também pode ser um dos licenciandos.

Por fim, desenvolvemos o estudo de repertório, que não é o objetivo principal do coro, mas o momento onde se consolida todo o conhecimento prático e teórico apreendido nas atividades anteriores. Os licenciandos podem então atuar como regentes, trazendo uma peça escolhida por eles – apresentada e analisada anteriormente, junto à regente – ou conduzindo uma peça já em execução, podendo ainda regê-la em uma das apresentações públicas.

Ao final do ensaio, é realizada uma reunião com os monitores, onde são discutidas as atividades realizadas, lançando um olhar sobre a sua própria atuação. Com isso, podemos avaliar o que foi desenvolvido em termos de conhecimentos e habilidades na prática coral infantojuvenil, bem como perceber o crescimento artístico do coro. Essa discussão ajuda a nortear as atividades dos próximos ensaios e participação dos licenciandos nessas atividades. Ao longo do tempo, percebemos que esses procedimentos os ajudam a construir as suas próprias formas de atuação como regentes e educadores, tendo o projeto como um referencial e sendo mais preparados para enfrentar os desafios da profissão.

Considerações finais

Os projetos de extensão de ambas as universidades aqui apresentados envolvem de forma dinâmica os licenciandos e a comunidade externa, proporcionando a articulação entre conhecimento teórico e experiência prática. Os licenciandos em formação atuam como pesquisadores, orientados pelo professor-regente, ao mesmo tempo em que são educadores para as crianças participantes do coro.

Podemos afirmar que nesse processo, os licenciandos são capacitados para atuarem como músicos, bem como organizarem planejamentos e executarem tarefas de cunho didático no ensaio coral, tendo embasamento para dirigir um grupo com segurança. Os conhecimentos construídos no decorrer dos ensaios, além de possibilitarem uma prática coletiva cooperadora,

contribuíram para a ampliação do repertório pedagógico-musical dos licenciandos e lhes trouxeram maior compreensão sobre o público infantil, o que certamente lhes dará maior confiança quando atuarem como profissionais. Além disso, é importante destacar que novas pesquisas surgiram a partir dos projetos de extensão, pelo interesse dos alunos nessa área, gerando artigos, monografias de conclusão de curso e os próprios trabalhos de pós-graduação – dissertação e tese – que deram origem a este artigo. Dessa maneira, podemos afirmar que a vivência oportunizada aos participantes dos projetos trouxeram ganhos não só em termos artístico-musicais para a comunidade atendida, mas para o reconhecimento dessa atividade no meio acadêmico.

Não podemos concluir este artigo sem deixar claro que nosso entendimento de **formação do regente** é um processo contínuo, que seguramente dura por toda a vida. Ratificamos que “todo regente, no processo permanente de formação a que se lança até o último dia de sua carreira, se de fato estiver ligado profundamente à sua arte, deverá manter a chama do estudo e da criatividade sempre acesas” (RAMOS, 2003, p.30). Portanto, a regência coral “é, acima de tudo, admitir que estudar música significa estudá-la por toda a vida” (KERR, 2006, p.119).

Referências

DIAS, Leila Miralva Martins. *Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral: dois estudos de caso*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2011.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: LAKSCHEVITZ, Eduardo (org.) *Ensaio. Olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2006.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira. *A prática coral na formação musical: um estudo em cursos superiores de licenciatura e bacharelado em música*. Rio de Janeiro: Anais do Décimo Quinto Congresso da ANPPOM, p. 362-259, 2005.

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. *Regência Coral Infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU*. Tese (Doutorado). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP, 2015.

GRINGS, Bernardo. *Ensino de Regência na formação do professor de música: um estudo com três cursos de licenciatura em Música da região Sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis (SC): Centro de Artes da UDESC, 2011.

KERR, Samuel. Carta canto coral. In: *Ensaio. Olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2006.

MATEIRO, Teresa. *Do tocar ao ensinar: o caminho da escolha*. Opus, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 175-196, dez. 2007.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Carneiro. *A regência coral na formação do licenciando em música: uma experiência didática no coral infantil da UFRN*. Dissertação (Mestrado). Natal (RN): Escola de Música da UFRN, 2017.

OLIVEIRA, Jetro Meira. *A preparação do regente coral*. Rio de Janeiro: Observatório coral carioca, 2017. Disponível em: <https://observatoriocoral.art.br/artigos/preparacao-do-regente-coral>. Acesso em 10/06/2017.

PEREIRA, Éliton; VASCONCELOS, Miriã. *O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária*. Goiânia: Revista Música Hodie, v.7, no. 1, p. 99-120.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva ; MARINHO, Vanildo Mousinho. *Novas perspectivas para a formação de professores de música: reflexões acerca do Projeto Político Pedagógico da*

Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 13, 83-92, set. 2005.

RAMOS, Marco Antonio da Silva. *O Ensino da Regência Coral*. Tese (Livre-docência). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2003.

RIBEIRO, Cinara. *A profissionalidade do regente de coros infanto juvenis em Campo Grande - MS*. Dissertação (Mestrado). Brasília: UnB, 2016.